

A face lateral esquerda é abaulada e lisa. Na face direita nota-se uma pequena reentrância.

Apresenta ainda um pormenor curioso e ao mesmo tempo intrigante. No dorso, no lado direito, paralelamente à crista raquidiana encontra-se uma inscrição de tradução e significado que não conseguimos apurar (Figs. 2 e 6).

O Prof. Santos Júnior baseado no conhecimento concreto de que mais de metade dos berrões do Nordeste de Portugal foram achados em castros e o mesmo se sabe de zoomorfias espanholas, admite que a cultura dos berrões é essencialmente castreja.

Não possuímos elementos que nos permitam conhecer a proveniência do berrão de Paredes da Beira. Todavia, não queremos deixar de referir que a pouca distância do local onde foi encontrado pela primeira vez, existem restos de um castro.

A localização deste berrão, fora da zona onde se verifica uma maior concentração destas esculturas, assume particular interesse, aumentando a zona onde floresceu esta cultura.

Queremos referir ainda que por vezes a ignorância, e porque não, a falta de sensibilização para a conservação do património cultural, têm levado à mutilação e mesmo destruição destas esculturas. Este berrão, em nosso entender, merece atenção mais cuidada e conveniente protecção.

AGOSTINHO CAMPOS FERREIRA

MARIA CLARA FIGUEIREDO C. FERREIRA

(Sócios da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia)

A estação arqueológica de Vilarelhos e a cabeça de guerreiro lusitano

A Direcção-Geral do Património Cultural, do Ministério da Educação e Cultura, em ofício datado de 20 de Novembro de 1977 comunicou-me ter chegado ao seu conhecimento ter sido encontrado, junto da Capela de Nossa Senhora dos Anúns

cios (freguesia de Vilarelhos e concelho de Alfândega da Fé, um vasto campo de sepulturas, e, em depósito na mesma capela, uma lápide funerária de mármore e um busto de granito de grão fino, ligeiramente fracturado na face. No mesmo officio se me perguntava se eu estaria na disposição de lá efectuar escavações.

Respondi anuindo a este convite, e propus a conveniência de um exame prospectivo dos achados e do cemitério.

Designado pela referida Direcção-Geral a ir a Vilarelhos ver «in loco» o campo onde apareceram as sepulturas, e a lápide e o busto, só lá pude ir em 2 de Outubro de 1977.

Serviu-se de guia, e de excelente informador, o Sr. Padre Acácio Alfredo Anselmo, Reverendo Pároco de Vilarelhos ⁽¹⁾.

Em 26 de Outubro enviei relatório da viagem prospectiva, dando o parecer de que se me afigurava ter interesse ali proceder a escavações.

Abstenho-me de fazer considerações sobre o Monte da Capela de Nossa Senhora dos Anúncios, que é de crer tenha sido um castro, bem como quanto ao campo de sepulturas, e aos ossos humanos que, nos trabalhos de plantação de amendoeirás, a máquina escavadora trouxe à superfície do terreno.

(1) Em 7 e 8 de Abril de 1978 realizou-se em Bragança um Seminário para a Defesa e Conservação do Património Artístico e Cultural dos distritos de Bragança e Vila Real, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura.

A esse Seminário o Sr. P.^o Acácio Alfredo Anselmo apresentou o trabalho *A Necrópole Romana de Vilarelhos*, que foi publicado em «Amigos de Bragança», Boletim de informação e estudos regionalistas, n.º de Abril-Maio-Junho de 1978, 23.º ano, Bragança, 1978, págs. 19-23.

Dá conta das condições em que foram achadas as sepulturas, sua estrutura e contendo esqueletos humanos íntegros, que, infelizmente a máquina retro-escavadora em grande parte destroçou o que ia desenterrando.

Refere as visitas de entidades oficiais que tomaram conhecimento directo do achado arqueológico.

A Direcção-Geral do Património Cultural teve o louvável propósito de avaliar o justo valor daquela estação arqueológica sugerindo uma possível campanha de escavações, convenientemente orientada.

Neste particular limito-me a publicar as duas fotografias (Est. I, Figs. 1 e 2), tiradas pelo senhor Padre Anselmo ao esqueleto que pôs a descoberto numa sepultura que teve ensejo de escavar.

Um grupo de rapazolas assaltaram a sepultura e, estupidamente, quebraram os ossos e esmagaram a caveira.

Muitos ossos quebrados vi-os num sacco que se guardava na capela de Nossa Senhora dos Anúncios.

Se ali se vierem a fazer escavações convenientemente orientadas, não só deverão ser analisados em pormenor estes dois aspectos, morfologia e estrutura castreja do monte, tipo das sepulturas, modo de enterramento e espólio sepulcral, mas também o estudo antropométrico dos esqueletos humanos que forem desenterrados se oferecerem condições para tal estudo, e recolha conveniente de alguns ossos para determinação cronológica pelo carbono 14.

Por agora limitar-me-ei às considerações que seguem sobre a lápide funerária de mármore, e, especialmente, à cabeça de granito, que julgo se pode considerar como cabeça troféu, quebrada a uma estátua de guerreiro lusitano.

A LÁPIDE DE MÁRMORE

A lápide é um bloco de mármore quadrangular, paralelepédica, com 36 cm de largura na face anterior, onde há restos da legenda sepulcral, 31 cm de largura na face lateral e 26 cm de altura na face posterior.

A lápide foi quebrada na porção cimeira, originando uma irregular superfície de fractura inclinada de cima para baixo e de trás para diante (Est. III, Fig. 3).

Na face anterior ainda há letras gravadas, ou, melhor, riscadas por sulco pouco fundo.

A meio da face há dois traços paralelos, riscados ao alto, tendo do lado esquerdo, bem nítidas as letras S T T L separadas por pontos frustes picados a meia altura das letras, as quais são a consagrada legenda S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

Do lado direito vêem-se as letras E.S.T.T. Falta o L final que deve ter sido destruído com o lascado da aresta direita da face, como bem mostra a fotografia da Est. III, Fig. 4.

Esta lápide teria sido pois consagrada a dois mortos.

A ampla mutilação da parte superior destruiu a legenda, que, como habitualmente, indicaria os nomes, idades e filiação dos mortos a quem fora consagrada aquela lápide.

A CABEÇA HUMANA DE GRANITO

Aquela grande cabeça é de granito de grão fino de duas micas (Moscovite e Biotite), em pequenas palhetas.

Aquela cabeça, pelo seu tamanho e certas particularidades, afigura-se-me ter sido decepada a uma estátua de guerreiro lusitano.

A altura total da peça é de 39 cm.

A cabeça é grande e tem as seguintes medidas.

Perímetro máximo no plano fronto-occipital, de contorno elíptico, 75 cm. Diâmetro antero-posterior máximo 26,6 cm. Diâmetro transverso máximo 19,2 cm. Com estes dois valores determina-se o índice cefálico de 71,4; dolicocefalia. Diâmetro frontal máximo 15,1 cm. Altura da face, glabella ao mento, 19,5 cm. Perímetro do pescoço, por cima do torques 54,0 cm.

Norma frontal ou facial

A face é de contorno elíptico.

A testa alta é quase aprumada na vertical.

Olhos bem esculpidos encovados, com o globo ocular em saliente esferoidal, íntegro no olho direito, e ligeiramente esmoucado no olho esquerdo.

O nariz, quebrado quase até ao plano da face, teria o comprimento de 10,2 (?) cm e a largura das asas do nariz seria de 54 (?) ou 55 (?) mm.

Boca marcada por um sulco pouco fundo com 4,4 cm de comprimento. Digamos, boca apenas riscada, nem sequer mostra leves sinais de lábios.

Um pouco por toda a face, e pela nuca, há marcas de mutilações por erosão resultante do rolamento ou arraste da peça. Aliás informaram que aquela cabeça, algumas vezes tem servido de calço à porta da sacristia.

As comissuras da boca não se patenteiam. Pelo que se vê na fenda bucal colhe-se a impressão de que se trata de uma boca pequena.

Queixo largo e robusto, ligeiramente mutilado.

A partir do alto da testa, na região fronto-parietal mediana há um saliente em cordão, uma espécie de poupa, com 10 cm de comprimento por 4,5 cm de largura, marginado por dois sulcos, o do lado direito a todo o comprimento da poupa. Do sulco do lado esquerdo restam atrás, apenas 4 cm. O resto foi mutilado.

Norma lateral ou de perfil

A fotografia em norma lateral direita mostra a face apurada, quase vertical o que corresponde a um ortognatismo perfeito (Fig. 5 C).

Contorno superior da cabeça aplanado (ligeira platicefalia).

Região occipital proeminente em acentuada convexidade.

Na região auricular há uma covinha irregular que poderia talvez, corresponder à abertura do canal auditivo. Tanto à esquerda como do lado direito, a seguir ao alto do ramo montante da mandíbula, vê-se um rebordo que pode ser o lobo da orelha, a que se segue, cerca de 2 cm, o rebordo do antitragus.

Na base da nuca vê-se um saliente em refego com 4 a 5 cm de largura, encimado por outro refego mais estreito, apenas com 1,7 cm de largura.

A porção montante mandibular parcialmente mutilada.

No pescoço salienta um cordão, com 3 cm de largura e cerca de 1 cm de altura, que representa um torques.

Norma occipital

A fotografia da Est. II, Fig. 5 D mostra os dois salientes do refego da base da nuca, o superior estreito com 1,5 cm de

largura, limitado por dois sulcos, dos quais o inferior o separa do saliente mais largo, com 4 a 5 cm de largura. Talvez se possam interpretar estes salientes com um remate da cabeleira.

À roda do pescoço o saliente em cordão que representa nitidamente o torques já referido.

Na parte alta da nuca, junto da linha occípito-parietal vê-se uma saliência irregular com sinais de mutilação erosiva. Recorde-se que aquela cabeça tem servido de calço à porta da sacristia.

CONCLUSÕES

A lápide de mármore, lusitano-romana, permitirá, quer pela sua morfologia, quer pelo tipo de letras, atribuí-la talvez ao século III ou IV d. C.

Registe-se que, em Trás-os-Montes o mármore só aparece no norte do distrito de Bragança, em termo de Miranda do Douro, nas pedreiras de Santo Adrião, em S. Pedro da Silva, e em termo de Vinhais, a distâncias de mais de 100 km da Vila-riça.

A cabeça de granito, em nosso parecer, foi decepada a uma estátua de guerreiro lusitano.

Merece especial realce a existência, em torno do pescoço, do torques já referido, que, na frente, na altura da garganta, termina por dois topos alargados para 3,5 cm. O topo do lado esquerdo está mutilado, o que não permite estabelecer com segurança a distância de separação dos topos que devia ser da ordem, pelo menos, dos 5,5 a 6 cm.

A algumas estátuas de guerreiros lusitanos existentes em alguns dos nossos museus falta a cabeça. Assim sucede, por exemplo, em duas dessas estátuas que se conservam no Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

No *Catálogo do Museu de Martins Sarmento — Secção de Epigrafia latina e Escultura antiga*, por Mário Cardoso, 2.^a ed., Guimarães, 1972, a pág. 153 reproduz-se em fotografia as duas estátuas de guerreiros lusitanos decapitadas. Uma trazida por Martins Sarmento do adro da igreja de S. Jorge de Vizela, não



Fig. 1 — Parte do esqueleto posto a descoberto pelo Sr. P.^e Anselmo, Rev.^o Pároco de Vilarelos e por ele fotografado.

Fotografia do Rev.^o P.^e Acácio Alfredo Anselmo



Fig. 2 — A caveira do esqueleto da figura anterior.

Fotografia do Rev.º P.º Acácio Alfredo Anselmo

Fig. 3 — Lápide em cipo de mármore branco, existente na capela da Nossa Senhora dos Anúncios (Vilarelhos — Alfândega da Fé). A caineta mede 14,5 cm.



Fig. 4 — Resto da legenda da lápide funerária, consagrada a dois mortos.

Fotografias do autor

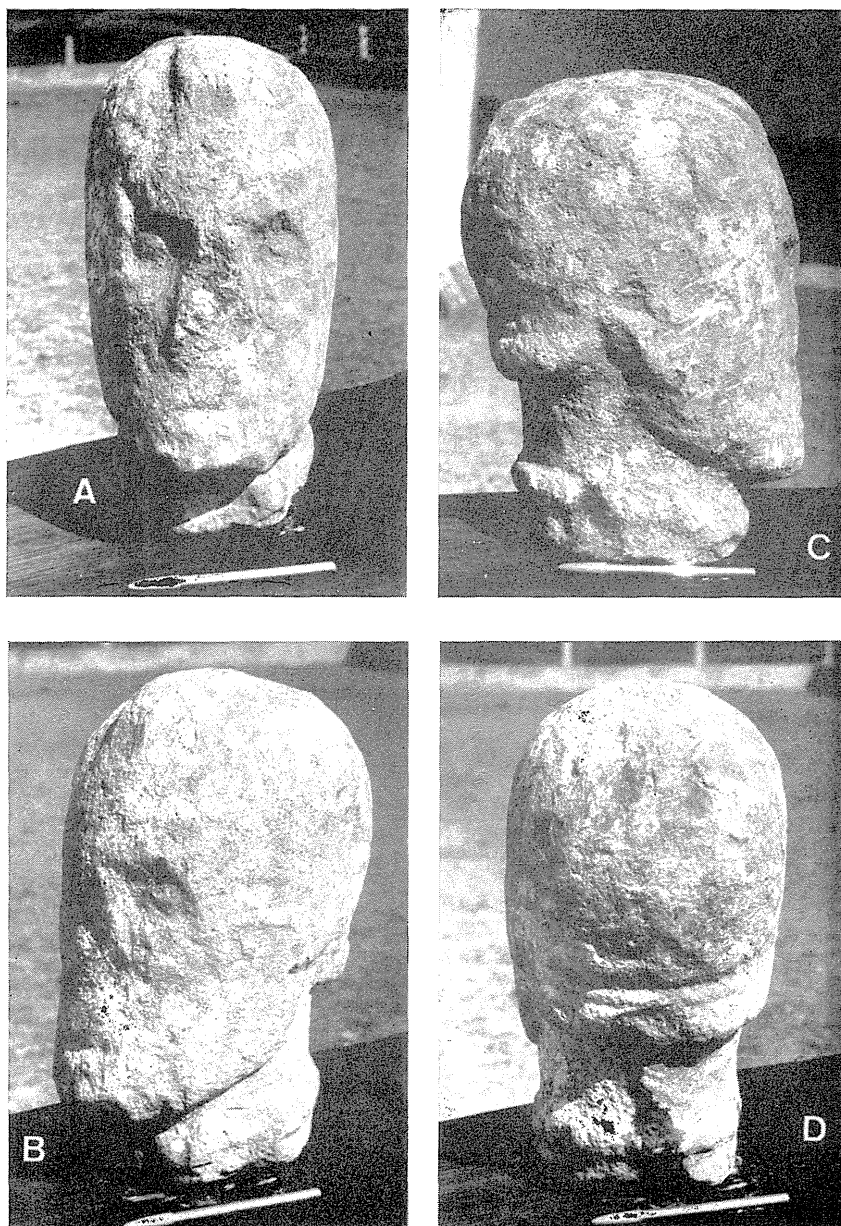


Fig. 5 — Cabeça de granito do Monte de N.^a Senhora dos Anúncios (Vilarelhos — Alfândega da Fé). As fotografias B, de perfil, e a D, em norma occipital mostram bem o torques e o rebordo nucal da cabeleira. A caneta mede 14,5 cm.

só lhe falta a cabeça como tem as pernas partidas pelo meio da canela. Segundo Mário Cardoso, antes de sofrer a mutilação, aquela estátua deveria atingir a altura de 2,40 m. A outra veio de Santo Ovídio (Fafe). Não tem cabeça e tem as pernas cortadas pelos joelhos. É mais robusta que a anterior. Antes de mutilada a sua altura devia rondar os 2,60 a 2,70 m, se não mesmo mais.

O facto de existirem estátuas de guerreiros lusitanos decapitadas valoriza o nosso parecer de que a cabeça de Vilarelhos teria pertencido, com toda a probabilidade, a uma dessas remotas estátuas, consideradas proto-cristãs, até agora só aparecidas no ocidente peninsular e nomeadamente no entre Douro e Minho.

Não tenho conhecimento de ter aparecido estátua de guerreiro lusitano ou seu fragmento no distrito de Bragança.

A cabeça de guerreiro do Monte de Nossa Senhora dos Anúncios, de Vilarelhos, por si mesma e pela localização do seu achado, tem marcado interesse arqueológico.

Como no Monte da capela da Senhora dos Anúncios deve ter existido um velho castro, poderá pôr-se a hipótese de aquela cabeça ser de origem local. Esta hipótese tem como contradita o facto de não ter aparecido o corpo, que, a ajuizar pelo tamanho da cabeça, devia ser bastante grande. Porém não é de estranhar que o mesmo tenha sido esfarrapado à marretada.

Por outro lado pode admitir-se que aquela cabeça tenha vindo de algures como troféu de guerra, ou simplesmente como índice de fúria iconoclasta.

Enquanto Alfândega da Fé não tiver museu, será conveniente depositar aquela cabeça, e a lápide, num museu regional, que poderá ser o de Vila Flor ou o de Bragança.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Dezembro de 1977

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Antigo Director do Inst. de Antrop. «Dr. Mendes Correia»
Presidente da Soc. Portuguesa de Antropologia